A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 21 | Domingo 21 de maio | 1893

Francisco Izidoro Vianna

Ha vinte e tantos annos foi uma manhã a cidade sobresaltada por noticias de graves acontecimentos para o lado de Xabregas. Fallava-se em revolta dos operarios da fabrica de tabacos, em conflictos com a força armada ali estacionada, uma grande *grève*, emfim!

Por esse tempo estavam ali empregados cerca de mil e duzentos operarios. E sabia-se que todos haviam abandonado as suas officinas, que se recusavam a voltar ao trabalho, constando mais que o director da fabrica havia sido aggredido e até ferido por um d'elles!

E tudo isto era exacto.

Uma ordem de serviço, ou qualquer outro motivo, havia levantado, da parte de alguns operarios, reclamações, que não foram attendidas, tomando elles d'isso pretexto para se recusarem a obedecer, e levando facilmente os seus companheiros a fazerem causa commum e a abandonarem o trabalho.

Como sempre succede n'estes casos, hoje bem mais frequentes do que n'aquella epocha, vieram logo da parte dos operarios exigencias e condições, que não só importavam a revogação da tal nova ordem de serviço, como ainda regalias e concessões em que elles até então não haviam pensado e que nada justificava.

Essas centenas de homens estacionavam em frente da fabrica, na estrada, que conduz a Lisboa; e, em grupos compactos, discutiam e deliberavam sobre o que lhes convinha fazer para obrigarem a Direcção da fabrica a sujeitar-se aos seus caprichos e vontades.

Os mestres das officinas, os guardas da fabrica, a força da municipal não os podiam já conter, e havia-se pedido para Lisboa instrucções e auxilio para debellar aquella verdadeira revolta operaria, cujas consequencias podiam ser graves.

Um pequeno coupé tem, no entretanto, parado debaixo da ponte do caminho de ferro, porque a estrada toda tomada pelos operarios não lhe permittira avançar mais. D'elle se apeiára um homem, que, não se intimidando com o que via, nem parecendo sequer admirar-se d'aquella grande agglomeração de operarios, se dirigia só e socegadamente para o meio d'elles.

E, caso extranho e para notar-se, mal se avisinhou do primeiro grupo, que logo todas as cabeças se descobriram, cessou a vozearia, todos lhe abriram caminho e de grupo em grupo se repetia alegremente: «Ahi vem o patrão Vianninha!» «Deixem passar o patrão Vianninha!»

Assim era. Aquelle homem, que, tão confiada, como corajosamente, se dirigia para o meio d'aquelles revoltados que, em pouco, seriam capazes dos mais desordenados disturbios, era Francisco Izidoro Vianna, um dos Directores da Companhia, que explorava a fabrica em que elles trabalhavam.

Era o Vianninha, como elles lhes chamavam. E esse diminuitivo e o respeito com que o recebiam, mostravam bem que não só lhe queriam, como a patrão bom, como que n'elle confiavam como em patrão justo e recto.

O que em seguida se passou sobejamente o deixou provado.

Informado o *patrão Vianninha*, como elles lhe chamavam, do que occorrera, logo ali e, em poucos instan-

tes, taes providencias tomou, que, sem auxilio de mais ninguem, com a sua unica auctoridade conseguiu terminar um conflicto, que ameaçava ser gravissimo.

Attendendo ao que era justo, negando resolutamente o que o não era e punindo quem merecera castigo, fez com que o trabalho recomeçasse pacificamente e desde logo.

*
* *

Esta singela historia mostra bem quem é o homem, cujo medalhão esta Revista hoje offerece aos seus leitores.

Um trabalhador, um homem bom, uma consciencia recta e justa.

Tendo já chegado á idade, em que quasi todos procuram o descanço e o socego d'espirito, a que elle, mais do que ninguem, tem direito, porque nunca teve um só dia de ocio, continua sempre no mesmo trabalhar incessante.

A sua privilegiada constituição physica, a sua clara intelligencia, o seu temperamento activo e emprehendedor não lhe consentem o repouso, antes o incitam sempre ao arduo labutar de todos os dias, á applicação constante dos seus multiplos conhecimentos technicos e praticos tanto aos negocios bancarios, de que é um dos mais conceituados e antigos representantes, como mais especialmente á industria do tabaco, a que tem dedicado o melhor da sua vida, da sua intelligencia e da sua actividade, sendo porisso considerado entre nós como o patriarcha d'essa industria, como aquelle cuja opinião não póde nunca ser dispensada, sendo a sua auctoridade n'esse assumpto incondicionalmente reconhecida por todos.

Havendo tomado conta da Direcção da Companhia de Xabregas, quando a industria do fabrico de tabacos foi declarada livre em Portugal, n'um momento em que essa industria era muito pouco conhecida entre nós, pois que os chamados contractadores, antigos exploradores d'ella, se contentavam em auferir os valiosos lucros que o seu monopolio lhes prodigalisava, sem cuidarem nem no seu progresso, nem em melhorar a situação do operario, Izidoro Vianna desde logo encetou profundas reformas, tanto nos processos de fabrico, como na fórma de remunerar a classe operaria ali empregada e em lhe beneficiar a sua situação.

Assim conseguiu a auctoridade que n'estes assumptos todos lhe reconhecem, assim poude com uma só palavra e quasi que unicamente com a sua presença vencer uma revolta de centenas de homens que mais dispostos estavam para a desordem, do que a attenderem sensatas recommendações de cordura e de socego.

O operario confiava n'elle, porque sabia que elle não déra nunca uma ordem, não alterára nunca uma fórmula regulamentar do seu serviço, que se não justificasse amplamente com razões technicas e justas e que nunca entrára no seu animo prevalecer-se da sua situação de patrão para exercer qualquer acto de menos razoavel pressão sobre os seus operarios. Pelo contrario, sempre o haviam encontrado justo e conciliador, embora nunca pusilanime, nem fraco quando era preciso remediar ou punir.

O que narrámos ao principiar esta apresentação de Izidoro Vianna aos leitores da *Semana de Lisboa* teve novamente, ha poucos annos, a sua consagração em uma imponente manifestação operaria de que foi alvo. Constando, que elle se retirava da Direcção da fabrica de tabacos por occasião das alterações da lei, que regia esta industria no outomno de 1887, e sabendo os operarios que os seus antigos collegas na Direcção haviam resolvido collocar, como homenagem devida aos seus importantes serviços á Companhia, o seu retrato na sala de suas sessões, dirigiram-se todos em massa á sua residencia no Campo Pequeno para lhe testemunharem quanto era por elles sentida aquella resolução do seu antigo patrão e protector.

Manifestação foi esta altamente commovedora e significativa de sympathica e desinteressada amizade para com um homem, que, desde aquelle momento, nada mais poderia em seu favor, mas que elles não quizeram deixar partir, sem lhe mostrarem, pela unica fórma ao seu alcance, quanto lhe queriam e o respeitavam.

*
* *

Acabamos de vêr como Izidoro Vianna sabia ser *patrão* e por certo, que, como modelo, o aconselharemos todos.

Pois não menos teremos que o appreciar e admirar, quando fôrmos vêr o que elle tem sido e é como Director d'um instituto de beneficencia, de que ha annos é Provedor.

Encarregado em testamento por um parente de sua familia de montar e dirigir um estabelecimento de caridade para recolher e educar creanças desamparadas, dedicou-se a essa santa obra com o enthusiasmo e a intelligencia, que põe sempre ao serviço d'aquillo de que se encarrega.

E nem sempre lhe foi facil essa tarefa. O legado deixado, embora importante, não bastava para o custeio do Asylo, que Vianna projectava e a que desde logo déra execução. O seu coração levara-o a contar com o auxilio de outros e esse auxilio nem sempre accudia aos seus reclamos e nem sempre accudia na importancia necessaria.

Muito embora! Tinha resolvido montar um estabe-

lecimento modêlo onde a par da educação e do ensino se robustecesse a criança e se lhe regenerasse o organismo depauperado pelas privações anteriores e herdadas, e essa santa casa havia de ir por diante e elle havia de a fazer prosperar e progredir. E assim foi!

Obtendo do Estado a concessão d'um antigo e abandonado convento em Marvilla, para ali transferiu o Asylo, que primeiro estabelecera em Santo Amaro, onde hoje são os escriptorios e dependencias da Companhia Carris de Ferro, e, adaptando aquella antiga casa religiosa para os fins a que agora era destinada, conseguiu para as suas criancinhas um refugio amplo e com todas as condições hygienicas, não olhando ás despezas, nem aos encargos que sobre si só e sob sua exclusiva responsabilidade tomou modestamente e occultamente, sem d'isso fazer alarde, nem com isso pretender recompensas ou louvores.

Desculpe-nos o nosso querido amigo se aqui desvendamos esta benemerita prova da sua desvelada dedicação pelo seu Asylo, de amor por aquelles pequeninos seres, que vivem sob a sua guarda e protecção.

Não necessita, é certo, para galardoar a sua immensa caridade senão dos louvores da sua consciencia e do jubilo intimo, que o seu coração ha-de sentir, ao praticar estes actos de verdadeiro e proveitoso altruismo.

Conhecedor, eu, d'estes factos e de muitos outros, sempre demonstrativos das eminentes qualidades de coração de Izidoro Vianna, e que n'este logar não especifico, porque sei que isso lhe desagradaria, não podia deixar passar este em silencio, quando se trata de uma instituição, de tanta utilidade e tão verdadeiramente beneficente — como é o Asylo de D. Luiz 1.º

* * *

No meio de tantas e tão diversas preoccupações tem Izidoro Vianna encontrado ainda o tempo sufficiente para criar e cuidar d'uma das mais vastas e pittorescas propriedades situadas na Serra de Cintra.

A sua Serra! O que elle lhe quer! O orgulho e a satisfação com que falla n'ella, não o conhecem senão quem uma vez só não conversou ainda com elle!

O seu grande pezar, o seu maior desgosto é não poder viver lá sempre, todo o anno, dando aos seus affazeres o tempo todo preciso, mas recolhendo immediatamente á sua querida Serra.

Claro está que impossivel lhe é realisar esse seu dourado sonho, e, durante muitos annos, até só por poucos dias ali podia permanecer.

Mas durante todo o anno lá ia frequentes vezes. Era quasi sempre aos domingos; e, então, tendo resolvido ir, não havia frio, chuva, vento, a borrasca mais temerosa, que o dissuadissem do seu proposito.

Tinha resolvido ir. Ia por força.

Era-lhe uma necessidade!

Seria um desgosto ter de desistir.

Acompanhal-o um de seus amigos n'essas occasiões, era das provas de amizade, que este lhe podia dar e que elle mais apreciava.

Desde a abertura do caminho de ferro de Cintra que póde e ali tem passado uma grande parte do verão.

E então é verdadeiramente feliz.

Reunindo junto a si toda a sua sympathica familia e hospedando gentilmente alguns amigos, nada mais elle quer, nem pretende, senão... que essa temporada não acabe nunca, e que nunca chegue o dia, em que elle terá de abandonar a sua cada vez mais querida Serra.

* * *

E n'isto e assim tem este bom homem passado a sua vida.

Sempre querido e estimado por todos.

Por todos considerado e respeitado.

Se foi já Deputado ás Côrtes não é Conselheiro, nem sequer Commendador.

É sempre... o *Vianninha do Campo Pequeno.*

J. H. Ulrich.

POLITICA SEM POLITICA

Um dos casos interessantes da semana é o ultimo acto da grande comedia politico-jornalistica da campanha contra a eleição do sr. Conde de Burnay.

Uma recapitulação, torna-se interessante.

Quando um dia, crivado de accusações relativas á sua intervenção nos negocios publicos, o sr. Conde de Burnay annunciou que se propunha deputado para dar satisfação a todos, gritaram logo os seus accusadores: «Não póde ser! Nenhum circulo o quer!»

Verifica-se depois que mais de um circulo se lhe apresenta.

«Aqui d'el-rei, que os circulos se vendem!»

Os circulos não se vendem, pelo menos ao sr. Burnay, e, n'uma expressiva eleição em Thomar e Ferreira do Zezere, verdadeiros eleitores infligem uma formidavel derrota ao

candidato governamental, apezar da tropa ás suas ordens.

Na espectativa, porém, de um tal desfecho, o que haviam feito os galopins? A famosa raspadella *à priori*, para gritarem depois que os editaes apresentados em confirmação da victoria eram falsos.

Mas o caso veiu ao tribunal, o qual deferiu os papeis incriminados a tabelliães idoneos, que pozeram a nú a trampolinice.

«Ah, elle é isso? Pois saibam-n'o agora: teve mais votos, mas não os podia ter, porque não é portuguez!»

E lá foi o caso á commissão de verificação de poderes.

A commissão verificou, disse-se, que era portuguez, visto ter nascido em Lisboa e nunca ter optado por outra nacionalidade. «Pois se é portuguez, clamaram logo os sujeitos, perdeu os direitos politicos por haver acceitado o cargo de consul estrangeiro, sem licença!»

O pobre candidato exhibe então o seu *exequatur*, em que o Rei de Portugal o auctorisa a exercer o cargo para que foi nomeado pelo Rei dos Belgas.

«Não basta, espumam os adversarios, é preciso que o Rei lhe dê licença para usar da auctorisação, que elle proprio lhe deu.»

N'este ponto, o caso já se torna comico de mais, e não se prevê o que mais se poderá fazer para impedir a entrada do deputado na Camara.

Só resta, talvez, o expediente de um cordelinho, atravessado no atrio de S. Bento, e repuxado a tempo por mancebos idoneos, á passagem do eleito de Thomar.

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

O Visconde de Sotto-Maior, que é hoje nosso ministro na Suecia e Noruega, foi, ha cerca de trinta annos, um dos mais afamados e mais elegantes janotas de Lisboa. Não exercia Brummel maior influencia entre os elegantes de Londres do que o Sotto-Maior entre os elegantes do Marrare.

Ora, uma vez, em meiados de maio, n'um dia nublado e frio como uma aspera manhã de dezembro, descia o grande janota o Chiado, todo vestido de linho branco, que era então a moda, e com um cravo escarlate aberto na lapella do casaco. Encontrou-o uma senhora da nossa primeira sociedade, e, admirada e até arripiada de o ver assim vestido, observou-lhe:

— Então o Visconde, com este frio, e tão primaveril!?

O Visconde sorriu-se resignado, e respondeu:

— O que quer V. Ex.ª, minha senhora! Eu cumpro o meu dever, o tempo que o cumpra tambem!

É natural que o janota, obedecendo assim mais aos requintes da moda do que ás exigencias da temperatura, se sujeitasse a ter, pelo menos, uma pneumonia!

Bem procede agora a nossa sociedade, attendendo mais ás variantes do thermometro do que ás do figurino. Logo que em fins do mez passado se denunciaram os primeiros calôres da primavera, ninguem pensou mais em bailes, nem em *raouts*, deixando as festas de salões para quando voltasse o proximo inverno. Variou, porém, o tempo, e succederam-se, em plena primavera, dias chuvosos e noites frias, como se estivessemos no rigôr do inverno. Ah! elle é isso? Ainda se não podem apagar os fogões, nem abandonar as *fourrures*? Então, abram-se de novo as salas, e continue-se a vida elegante do inverno!

E assim foi que na quarta-feira houve nas sumptuosas salas dos srs. Condes de Valbom uma animada *soirée*, á qual concorreu tudo o que ha de mais distincto na nossa primeira sociedade, e na sexta-feira a segunda *garden-party* na legação da Allemanha.

FOLHETIM

CONGRATULATIO CANUM

Musa canum, et tu custos orci Cerbere magne,
Quae decora et virtutes nobis, quae merito sunt
Debita nunc canibus, date jam cantare poesi,
Aedilesque cruentos nostro agitare flagello.

Cum pater omnipotens ex limo conderet orbem,
Et solem et lunam et post omnia sydera coeli,
Ac similes sibi jure canes hominesque crearet,
Os homini canibusque dedit, coelumque tueri
Jussit, ut una conjuncti unanimesque subirent
Angustos vitae calles, miserosque labores.
Inde sodales et fuimus quo tempore primum
Aequales fecit pater alterutrosque colendus
Alterutrosque per aevum jussit amarier omne.

Nos vigiles furis solertis calliditates
Prospicimus juxta portas latratibus altis.
Nos sequimur dominos semper dominasque fideles;
Nos guardamus burram, infantis lambimus ora;

FOLHETIM

CONGRATULATIO CANUM

Musa canina, e tu, Cerbero, sentinella
do Orco, dae-me cantar quanta virtude bella
e nobreza nos cães, e merito reluz
e com o meu rebem surrar os edis crus.

Quando o pae creador formou do barro a Terra
e sol e lua e apoz quanto astro o ceu encerra,
e eguaes em tudo a si, homens e cães creou
cara aos cães e homens deu, e o ceu olhar mandou
e juntos e de accordo, os miseros trabalhos
da vida supportar nos labregos atalhos.
D'ahi nossa egualdade; e socios desde então
todos o pae nos fez, mandando com razão
em commum respeitar e amar eternamente.

Ao vêr o que o ladrão, sagaz em manhas, tente
Á porta com ardor ladrar nos ouvireis:
seguimos os patrões e as amas mais fieis;
nós guardamos a burra, ao filho a mão lambemos;

Os convidados d'estas duas elegantes festas ficaram, como sempre, penhorados, pelas gentilezas que tanto a Sr.ª Condessa de Valbom como a Sr.ª Condessa de Bray prodigalisam nas suas brilhantes recepções.

—Celebrou-se hontem o casamento da Sr.ª D. Luiza de Serpa Pimentel, filha do Sr. Conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, com o nosso amigo Vicente de Sousa Brandão.

A noiva é uma gentilissima senhora, cuja convivencia nos principaes salões da nossa sociedade era sempre muito apreciada pelos encantos da sua conversa, em que se revellavam, a par das mais preciosas virtudes do coração, todas as prendas de espirito que uma educação esmerada proporciona.

Vicente Brandão é um rapaz muito sympathico e de verdadeiro talento. Tendo concluido brilhantemente n'uma universidade da Belgica o curso de engenharia civil, voltou para Lisboa, frequentando a primeira sociedade, onde conquistou as mais affectuosas sympathias, não só pelas qualidades do seu caracter como pela superioridade da sua intelligencia.

Este auspicioso enlace proporciona o mais risonho e venturoso futuro. Por elle fazemos sinceros votos, dando aos noivos e ás suas familias os nossos mais cordeaes parabens.

GRAZIEL.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

OS PERFUMES

Não é tão indifferente, como á primeira vista parece, a escolha dos perfumes que cada pessoa deve usar na sua *toilette* Depende da edade, da posição social, da côr dos cabellos, de mil pequenas circumstancias, emfim! «A arte de se perfumar — escreve a Comtesse Xila, n'um dos ultimos numeros da *Grande Dame* — é a suprema quintaessencia, o criterio absoluto do tacto e da delicadeza.» Uma pessoa de cabellos louros não deve usar o mesmo perfume indicado para outra de côr morena e de cabellos pretos. Mas o que a todas convem evitar é o perfume aspero, violento, grosseiro, que perturba e incommoda ainda as pessoas de olfacto menos sensivel. O almiscar, por exemplo, é de uma vulgaridade reprehensivel. A elegancia recommenda as essencias mais finas e menos sensiveis, de base negativa, taes como o heliotrope branco, o cravo, o *iris*, sobretudo o *iris* com aroma de violetas, espalhado sobre os vestidos, sobre a roupa branca e até sobre a pelle, á qual purifica e adoça.

As parisienses mais elegantes, em vez de perfumarem directamente a roupa, perfumam os armarios e gavetas, servindo-se para isso d'um largo *sachet* contendo uma essencia delicada e com o qual forram os moveis em que guardam os vestidos. Os armarios devem ser forrados de alto para baixo. Tambem se usa metter entre cada peça de roupa, como vestidos, capas e saias, um pequeno *sachet*, que, pelo contacto immediato, communica á roupa um certo aroma, que permanece por longo tempo, sem comtudo ser muito insenso.

Tambem não é indifferente a temperatura ao uso dos perfumes. A atmosphera dos bailes exige um aroma subtil tal como o heliotrope, o geranium, o cravo e a violeta. No inverno, e para uma atmosphera fria, ao ar livre, é indicado o *Bouquet russe*, que corrige o cheiro animal e aspero das *fourrures*. O quarto de cama exige essencias suaves e quasi imperceptiveis.

MODAS

As nossas leitoras devem ter notado que nem todas as saias dos vestidos se fazem de feitio *cloche* ou *balão*, por se não prestarem a isso todas as fazendas. Tanto se uzam as saias *cloches* como as outras com os pannos todos envesgados e algumas fazendas não carecem de forro, outras, pelo contrario, são todas forradas, outras teem forro só até meia saia, ou só precisam d'uma bainha falsa. Algumas fazendas transparentes, como as cambraias de seda ou as fazendas molles como o *foulard*, armam-se sobre saia falsa.

Os chapeus podem fazer-se differentes dos vestidos, com quanto não vão em desaccordo com elles. Por exemplo, não se porá um chapeu encarnado com um vestido verde... mas poderá uzar-se um chapeu guarnecido de folhagem e um vestido azul ou *heliotrope*.

Nos defendimus arvum, prata recentia rivis,
Potros, tauros bravos, omne gadumque miudum.

«Oh! stultorum turba, magis quae rara voletis
A nobis tandem : nunquam custodibus illis
Nocturnum stabulis furem, incursusque luporum
Aut impacatos à tergo horrebis Iberos.
Saepe etiam cursu timidos agitabis onagros;
Et canibus leporem, canibus venabere damas
Saepe volutabris pulsos sylvestribus apros
Latratu turbabis agens: montesque per altos
Ingentem clamore premes ad retia cervum.»

Fama loquax laudat nostros vaga mille per ora
Tempore ab omni; et mundum currunt obstupefactum
Virtutes canis : inclinato vertice nobis
Pilea tirant et faciunt grave salamalecum
Omnes et jus est : quia prosa et versibus imo
Portant nos coelo scriptores atque poetae.

Ardens flammarum splendore Canicula lucet :
Et quis forte ad firmamentum lumina vertens
Perspicit aediles clara inter sidera coeli?

Caecus cantor Achillis, cujus de ossibus olim
Septem pugnarunt urbes certamine magno,

e o bem regado campo e os prados defendemos
e os potros, touro bravo, e toda a miuda rez.

Oh! que extremos mais quer de nós, turba soêz?
Pastor que a seus redis tem d'estes guardadores
escusa de temer dos lobos raptadores;
ri do ladrão nocturno, e até do bandoleiro
ibero que por traz assalta o caminheiro
Se gostas de acossar os timidos onagros,
de vêr como transpõem a lebre e o gamo os agros,
fia-te nos teus cães; sentindo lhe os ladridos
os brutos javalis fogem-te espavoridos
do enxordeiro sylvestre, e o giganteo veado
voando cerro além, cahe na rede enleado.

Sempre a fama louvou por bocas mil loquaz
as virtudes dos cães; e o mundo absorto jaz,
e, tirando o chapeu, salamaleque grave
nos faz como convem; porque em verso suave
nos exaltam aos ceus os vates mais gentis,
e nos consagra a prosa as pennas não servis.

Fulgura o ardente Cão de chammas opulento :
e quem olhos volvendo ao claro firmamento
enxerga acaso edis nos astros d'esse ceu?

Para meninas ha uma forma de chapeu desabado que fica muito bem á cara. É uma especie de chapeu palha de tres bicos. Nos vãos formados pelo levantado da palha, collocam-se muitos ramos de flores fartos ou umas rosetas de fitas. Á roda da copa uma *torsade* delgada de veludo e uma *aigrette* de flores.

Para viajar, o *canotier* com a borda levantada e a *toque* á hespanhola, genero *bolero*, são os feitios mais uzados.

Na cidade a Parisiense uza a capota cada vez mais pequena, os cabellos muito frizados adiante para encher o vão do chapeu.

GIL-BERTA.

DOGARESSA

Nas mãos do escravo ensombra armoriada umbrella
na rêde, em que se emballa, a casta Dogaressa.
Em rutilos anneis a trança longa e espessa
Chove-lhe solta aos pés que ávida enleia e vela.

Não foi mais branco e puro, á beira da janella,
o beijo que a Romeu supplica que o não esqueça;
nem mais tranquilla a fria, a languida cabeça,
que o mouro oscúla em pranto ao vir morrer por ella.

Contempla o velho Doge a imperial belleza.
Déra, por vêl-a rir-lhe um breve rir, Veneza,
e o mundo por um só de seus subtís chapins.

E ella, do seio a arfar sob o palor crescente,
pular, latir, morder, desatrelados sente
de insaciado desejo os rábidos mastins.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

Anniversarios da semana

Domingo 21 — As sr.as: D. Catharina Machado de Noronha (Benagazil), D. Maria Christina Roma de Castro Athayde, D. Ludovina do Valle Pereira Cabral, D. Julia de Serpa Leitão.

E os srs.: Visconde da Foz de Arouca, Barão do Vallado, Julio Cesar da Costa Lima de Brito, Vicente Vasques da Cunha Cardoso Portocarreiro.

Segunda-feira 22 — As sr.as: Condessa d'Edla, D. Marianna Zarco da Camara (Ribeira), D. Maria Benigna Baeta Neves (Louredo), D. Eliza Helena Amelia Moreira de Sá, D. Emilia Pinto Leite, D. Marianna Rita Celestino Soares.

E os srs.: Jacintho Augusto Paiva d'Andrada, Francisco Cabral Metello, Bartholomeu Aragão da Costa Lacerda, João Felix Alves Minhava.

Terça-feira 23 — As sr.as: D. Camilla Varenne, D. Maria José Macieira, D. Ida Kebe Fernandes Branco, D. Maria Sophia Ferraz de Macedo.

E os srs.: Conde de Thomar, Francisco Vieira de Magalhães (Alpendurado), Jesuino Ezequiel Martins, Antonio Maria Mimoso de Mello Gouveia Prego, Manuel Emygdio Dias d'Oliveira, Luiz Ayres Martins d'Oliveira.

Quarta-feira 24 — As sr.as: D. Francisca de Noronha (Paraty), D. Maria Eduarda Cabral Fava Ribeiro d'Almeida, D. Ermelinda Allen, D. Adelaide Sophia Benevides. D. Maria Joanna de Carvalho e Sousa, D. Laura Ferreira Pinto Figueira Freire.

E os srs.: Barão de Roussado, D. José Manuel de Noronha (Atalaya), Dr. Joaquim Maria da Silva, Dr. Augusto das Neves dos Santos Carneiro, João d'Azevedo Coutinho, José Afra Ferreira da Silva, Carlos Luiz do Amaral Osorio (Almeidinha).

Quinta-feira 25 — As sr.as: D. Maria Augusta da Camara Portugal, D. Maria Thereza Leme, D. Maria Luiza Ferreira Monteiro, D Amelia Paes, D. Izabel de Sousa Cyrne.

E os srs.: D. José d'Almeida Portugal Soares d'Alarcão (Lavradio), Carlos Berquó, Miguel Antonio Malheiros, João Jorge Moreira de Sá.

Sexta-feira 26 — As sr.as: D. Anna Adelaide de Nobre Mourão (Bovieiro), D. Maria Thereza Leme, D. Adelaide H. Ribeiro, D. Maria Luiza Loforte, D. Maria Martins d'Azevedo Freire Guimarães, D. Bella James de Oliveira Torres Talaya, D. Emilia Rosado Costa Ribeiro, D. Maria Albertina d'Azevedo Costa Freire.

E os srs.: D. Salvador Manuel de Vilhena (Alpedrinha), D. José de Sousa, Dr. Narciso Alberto de Sousa, Filippe Zeferino da Trindade de Carvalho.

Carminibus graecis, quae vestris auribus unquam
Chegabunt aediles! Argum cantat Ulixei
Insidiosi fraude molossom qui dominum mox,
Absentem multos post annos conjuge maesta,
Cognovit vetulis famulis plerisque priusque.
Mirantur canis affectum, mirantur amorem
Omnes qui bacalanorum costalia nolunt
Aut vini copos, herbae dulcisque liquores
Latona genito et blandis praeferre Camoenis.

Nomina, Virgilio teste, et canis inclyta multa
Sunt: Serpens, latrans et Hylax in limine; Fulco
Atque Ragonia, et Harpalagus quoque, et Ichtya. Et illa
Non oblita catellae Publi carmina bella
Confestim narrabimus, orantes veniam istic.

Issa est purior osculo columbae,
Issa est blandior omnibus puellis,
Issa est charior indicis lapillis.

THOMAZ DE CARVALHO.

(Continúa).

D'Achilles o cantor, o cego que morreu
pondo cidades sete á bulha por seus ossos,
em grego verso, edis! e que aos ouvidos vossos
não chegará jámais, d'Ulisses canta o cão
Argos, que balda logo insidias do patrão,
longe ha tanto da triste esposa que estremece,
e ante os servos senis primeiro o reconhece.

Dos cães o affecto admira, admira o grato amor,
quem preferir não quer em si costaes impôr
de bacalhau, de vinho encher-se e de aguardente,
ao filho de Latona, e á musa complacente.

Nomes, Virgilio o attesta, ha muitos a brilhar;
Ichtya, e Fulco e Ragonia, e ás portas a ladrar
Hylax, Serpe e tambem Harpalago. E d'aquella
que nunca esquecerá, de Publio alva cadella
ora os versos direi, pedindo aqui perdão.

Issa é mais pura que da pomba o beijo,
Issa é mais terna que da moça o pejo,
Issa é melhor que as joias do Indostão.

(Continúa).

Sabbado 27 — As sr.as: Marqueza de Fronteira e de Alorna, D. Adelaide do Couto Castro (Pindella), D. Maria Emilia Martins de Castro, D. Sophia Lami de Sousa Telles, D. Adelina da Cruz Chaves, D. Amelia Gonçalves Cardoso, D. Izabel Ascensão de Oliveira Talaya.

E os srs.: D. Fernando Maria de Lencastre (Louzã), Affonso de Moraes Sarmento de Vasconcellos e Castro, João Joaquim Antunes Rebello.

EPHEMERIDES SEMANAES

14 — Os estudantes de Lisboa fazem uma manifestação no cemiterio dos Prazeres, em homenagem á memoria do jornalista Eduardo Coelho.

— Tourada por amadores no Campo Pequeno, em que fracturou uma perna o forcado amador Pedro d'Oliveira, e uma costella o bandarilheiro Pescadero.

15 — Reabertura do Parlamento.

— O sr. ministro da fazenda, Augusto Fuschini, apresenta á camara dos deputados as propostas de lei relativas ás contribuições predial e industrial, aos alcooes e ao imposto de consumo.

16 — O sr. ministro da justiça, Antonio d'Azevedo Castello Branco, apresenta á camara as propostas de lei relativas á liberdade condicional e á responsabilidade ministerial.

17 — Reune em casa da sr.a condessa de Valbom a commissão de senhoras nomeada por S. M. a Rainha para promover uma festa em S. Carlos a favor das victimas do cyclone de Lamego.

— Os deputados Alpoim e Mattoso Côrte Real propõem um inquerito parlamentar ácerca do pagamento aos portadores de titulos de D. Miguel.

18 — É assignado o decreto creando em Lisboa um tribunal avindouro.

— Conclue os seus trabalhos a commissão incumbida de elaborar os regulamentos da bolsas de trabalho.

19 — A camara dos deputados rejeita a proposta Mattoso-Alpoim para o inquerito sobre os titulos de D. Miguel, approvando em vez d'ella a substituição apresentada pelo sr. conselheiro Beirão.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

A companhia de opera comica franceza realisa hoje a decima segunda recita d'assignatura. Foi recebida na ponta das lanças, quando cantou a *Mireille*, e levantada nos escudos, quando cantou a *Carmen*. E antes assim; porque este facto representa o incontestavel valôr dos artistas, que conquistaram pelo seu merito os applausos unanimes do publico, dissipando completamente a má impressão que deixaram na noite da sua estreia. A opinião favoravel dos espectadores que se denunciou quando a companhia cantou o *Fausto*, affirmou-se com verdadeiro enthusiasmo na primeira recita da *Carmen*

A Patti, a Novelli, a Leonardi, a Borghi, todas quantas artistas italianas teem cantado a encantadora opera de Bizet, ficaram n'um plano inferior em confronto com Tarquini d'Or, que no sabbado a cantou, pela primeira vez, no nosso theatro lyrico. O seu triumpho é incontestavel. Não dispõe Tarquini d'Or da voz volumosa de alguns d'aquelles meio-sopranos italianos; mas, em compensação, que extraordinario talento revella na comprehensão da personagem e que intensão dramatica com que representa todo o papel! Desde a primeira scena em que entra no 1.º acto até á morte no final do ultimo, não ha occasião de notar a Tarquini d'Or o menor defeito. Todo o seu trabalho é irreprehensivel, O caracter da personagem é definido e accentuado com o mais artistico relevo, desde a scena de seducção, quando canta a formosa *habanera*

L'amour est enfant de Boheme
Qui n'a jamais connu de loi

até ao derradeiro lance dramatico, em que *Carmen* é assassinada por *D. José*, á entrada da praça de touros.

E não é só Tarquini d'Or que interpreta bem o seu papel. Todos os artistas que cantam a *Carmen* mereceram os mais justos e calorosos applausos. O tenor Gandubert fez a parte de *D. José* d'um modo egualmente admiravel. O final do 3.º acto e a ultima scena do 4.º foram representadas com um vigor dramatico como ainda não vimos a nenhum outro artista. Mademoiselle Block cantou muito bem o curto papel de *Michaela*. O barytono Rouhier fez com muita correcção a parte de *Escamillo*. Mademoiselle Dorban representou com graça o papel de *Frasquita*. E até o *Remendado* e outro contrabandista, cujos papeis teem passado despercebidos, quando cantados por companhias d'opera italiana, tiveram agora um grande relevo, e mostraram a sua importancia artistica na opera.

A interpretação, pois, da *Carmen* e a que anteriormente tivera o *Fausto* vieram confirmar mais uma vez a nossa opinião. As operas da escola franceza só são bem representadas por artistas francezes. Estão mais familiarisados por temperamento e por educação com o genero da muzica e são rigorosos no estudo dramatico das personagens. Não se limitam a ser cantores; esforçam-se por ser actores, conseguindo assim attrahir duplamente a attenção dos espectadores, e conquistar-lhes os justos applausos.

Na quarta-feira representou-se a opera — *Les dragons de Villars*, já muito nossa conhecida em diversos idiomas.

Madame Tarquini d'Or confirmou a sua reputação no gracioso papel de *Rose Friquet*. Mademoiselle Dorban na parte de *Georgette*, o tenor Maillaud na de *Sylvain*, Barrial e Rouhier cantaram e representaram com toda a correcção. Sem embargo, a opera não mereceu os mesmos enthusiasticos applausos que tiveram o *Fausto* e a *Carmen*.

Tem trechos de muzica deliciosos; mas é um tanto fastidioso O primeiro acto arrasta-se monotono, banal e semsaborão. A alguns espectadores produziu o effeito soporifero, que produzem certas sessões da camara dos deputados.

Hontem repetiu-se a *Carmen*.

D. Maria

É hoje que n'este theatro se realisa com a *reprise* da *Estrangeira* a ultima recita da epocha.

A companhia parte no dia 23 para o Brazil, onde se apresenta pela primeira vez a actriz Rosa Damasceno.

É natural que as plateias do Rio de Janeiro apreciem os meritos na notavel artista portugueza com o mesmo enthusiasmo e admiração com que são apreciados entre nós. Os outros artistas já ali são conhecidos, e encontrarão sem duvida o mesmo acolhimento favoravel com que foram recebidos n'outras occasiões.

Durante a epocha passada representaram-se os seguintes originaes portuguezes: *Segredo de Confissão, Estrada de Damasco, Os Velhos* e *Os Castros*.

A companhia regressa em principios de outubro, reabrindo o theatro nos primeiros dias de novembro.

Desejamos-lhe prospera viagem, e que os jardins floridos de Petropolis e do Bota-fogo fiquem desprovidos de rosas para com ellas serem coroados os artistas portuguezes!

Real Colyseu

Realisou-se hontem a festa de caridade promovida pelo Real Gymnasio Club Portuguez, sob a protecção de Sua Magestade a Rainha.

Todos os amadores que tomaram parte no sarau trabalharam correctissimamente, e foram calorosamente applaudidos.

Praça de touros

Na corrida de touros, que hoje se realisa na praça do Campo Pequeno, trabalha o famoso espada Faico.

Esperam os *afficionados* que seja uma tourada interessante, em que se deve admirar a valentia e pureza dos touros e a destreza e agilidade dos bandarilheiros.

Se o tempo o permittir, como o promette Noherlesoon nas suas previsões meteorologicas, a concorrencia de espectadores deve se grande.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1